

## **A colonialidade no jornalismo ambiental latinoamericano: Uma análise de reportagens sobre comunidades tradicionais em cinco websites independentes da América Latina<sup>1</sup>**

Isadora Pellegrini Marques<sup>2</sup>

Laura Strelow Storch<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **RESUMO**

A prática jornalística sobre o meio ambiente na América Latina está diretamente fundamentada no pensamento ocidental e na perspectiva colonial de abordar a natureza. De modo geral, os veículos de comunicação de massa seguem essa abordagem ao não considerar os pontos de vista e cosmovisões de comunidades tradicionais e habitantes dos territórios reportados. Nesse sentido, com o objetivo de afirmar que é necessário abordar o meio ambiente a partir de uma perspectiva plural e decolonial, esse trabalho analisa cinco websites jornalísticos independentes: O Eco, do Brasil; Rai Bolívia, da Bolívia; Claves 21, da Argentina; Agenda Propia, da Colômbia; e Mongabay Latam, que atua em distintos países da América Latina. De forma prévia, foram coletados dados de reportagens sobre meio ambiente de diversos meios, tanto mainstream quanto independentes, para verificar como foi feita a seleção de pauta, abordagem e presença ou ausência de fontes plurais. Em seguida, o foco voltou-se às iniciativas independentes e suas características particulares em relação às próprias linhas editoriais. Foram analisadas reportagens sobre comunidades tradicionais e como esse tema é abordado em cada um dos veículos. Com esses dados, constatou-se que enquanto os meios massivos buscam recorrer a fontes políticas e científicas para abordar o meio ambiente e as comunidades tradicionais, os meios independentes trabalham com diferentes alternativas para destacar essas populações: ora utilizam de um jornalismo narrativo e literário, ora recorrem a inúmeras fontes e declarações na composição das reportagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** colonialidade; jornalismo ambiental; meio ambiente; América Latina; websites.

### **CORPO DO TEXTO**

O Jornalismo Ambiental consiste em uma prática de comunicação engajada que coloca em pauta as problemáticas relacionadas ao meio ambiente. A prática tem caráter transdisciplinar e envolve múltiplas áreas do conhecimento, como a comunicação, meio ambiente, biologia, sociologia, antropologia, etc.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Perspectivas contemporâneas de pesquisa a partir do Jornalismo Ambiental, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM, email: [isadora.pellegrini@acad.ufsm.br](mailto:isadora.pellegrini@acad.ufsm.br).

<sup>3</sup> Professora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM, email: [laura.storch@ufsm.br](mailto:laura.storch@ufsm.br)

Bueno (2007) conceitua o Jornalismo Ambiental como o processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado.

Ainda de acordo com Bueno (2007), o Jornalismo Ambiental tem três funções básicas que devem ser ressaltadas: 1) a função informativa; 2) a função pedagógica e 3) a função política. "O jornalismo ambiental precisa ter um caráter revolucionário, comprometido com a mudança de paradigmas, deve enxergar além das aparências e não ser complacente com aqueles que se apropriaram da temática ambiental para formar ou reforçar a imagem." (Bueno, 2007)

Nesse sentido, o pesquisador Boaventura de Sousa Santos propõe o conceito de "ecologia de saberes", que reconhece a intervenção de saberes alternativos ao pensamento científico. "Trata-se, por um lado, de explorar a pluralidade interna da ciência, isto é, as práticas científicas alternativas que se têm tornado visíveis através das epistemologias feministas e pós-coloniais e, por outro lado, de promover a interação e a interdependência entre os saberes científicos e outros saberes, não-científicos" (Santos, 2007)

Pode-se aplicar esse pensamento na relação que os estudos de colonialidade têm com o jornalismo ambiental, ao compreender que a prática jornalística de massa é intrinsecamente conectada às marcas deixadas pelo colonialismo europeu. A grande maioria dos veículos de comunicação mainstream aborda as questões ambientais por uma perspectiva extremamente científica e política, sem atentar para o ponto de vista de comunidades tradicionais e habitantes do território noticiado.

Em contraponto, muitos meios de comunicação ambiental independentes realizam um movimento oposto, ao investir em uma prática jornalística plural, a qual coloca em pauta a cosmovisão de comunidades tradicionais para falar da natureza. "Além da crítica à visão eurocêntrica, é preciso, portanto, a revalorização dos conhecimentos

locais, tradicionais, populares, até então depreciados e negados.” (Loose e Girardi, 2021)

Loose e Girardi destacam a importância de descolonizar a prática do jornalismo ambiental e romper com o pensamento científico binário e cartesiano. “...ao seguir a lógica dualista ou reconhecer apenas como fontes os atores sociais legitimados pelo pensamento do Norte Global (geralmente as chamadas fontes oficiais, detentoras de um conhecimento científico reconhecido pelos pares), o jornalismo colabora para manutenção de uma forma de ver colonizada.” (Loose e Girardi, 2021)

A partir disso, o trabalho busca analisar alguns desses veículos, foram escolhidos os seguintes: O Eco, do Brasil; Rai Bolívia, da Bolívia; Claves 21, da Argentina; Agenda Propia, da Colômbia; e Mongabay Latam, que atua em distintos países da América Latina. Esses meios buscam diferentes estratégias para produzir um jornalismo ambiental descolonizado, como aliar jornalistas indígenas e não indígenas para construir reportagens narrativas sobre questões ambientais, produzir conteúdo multimídia para auxiliar na compreensão e acesso, apresentar informações verificadas cientificamente, entre outras.

Além das reportagens, a maioria dos meios conta com uma rede de jornalistas colaboradores, conteúdos educativos, podcasts, canais de distribuição, etc.

O trabalho dos veículos se enquadra nas funções do jornalismo ambiental propostas por Bueno. É informativo enquanto brinda o público com dados sobre meio ambiente, saberes originários e acontecimentos que se passam principalmente em territórios indígenas; É pedagógico na medida em que a partir de ilustrações, linguagem acessível e passo-a-passos, tenta ensinar a outros profissionais meios de fazer jornalismo ambiental intercultural; E é político porque questiona as teorias do jornalismo tradicional ao buscar maneiras alternativas de construir as pautas.

O próximo passo do trabalho será mapear o tema “povos originários” nas reportagens produzidas pelos cinco websites. A partir disso, será realizada uma análise das estratégias utilizadas pelos meios de comunicação ao abordar esse tema.

## REFERÊNCIAS

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. *Desenvolvimento e Meio Ambiente, Paraná*, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/download/11897/8391>. Acesso em: 17 abr. 2024

SANTOS. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estudos CEBRAP*, n. 79, p. 71-94, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrge>. Acesso em: 26 abr. 2024.

LOOSE, Eloisa Beling ; TOURINHO, Maria. Interfaces entre o debate colonial e os estudos de jornalismo ambiental. *Ufrgs.br*, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/255591>. Acesso em: 26 abr. 2024.